

As Lições dos Sinos

José Vicente Barbosa Corrêa

Ao Professor Carlos da Silva Lacaz
(*in memoriam*)

Pedro Nava, médico e professor, consagrado memorialista patricio, afiançava: “Quando vamos pescar alguma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já vai molhado!”.

Ao rascunhar essas linhas, lembranças de velhas anotações esmaecidas pelo tempo, convenci-me da necessidade, em homenagem à verdade, de testemunhar a pesada dívida em relação a todos os pensadores e autores que me prestaram inestimável apoio nessa tarefa, que sem a criteriosa abonação por parte deles nada poderia ter sido idealizado.

Três velhos cadernos de anotações, companheiros solidários, guardam há anos antigos e novos pensamentos, apanhados em leituras pretéritas, além de tópicos e verbetes para serem relidos em tempos de ócio. Há nisso um sabor de nostalgia, que vai escorregando para o papel, como agora, uma mensagem de velhos sinos — porém com nova roupagem —, refluindo na vivência do instante presente. Escute, pois as lições dos sinos.

Aprende-se melhor a natureza do homem, advertem os entendidos, pelas observações de sua conduta durante o correr dos séculos, do que pela leitura de Platão, Aristóteles, Spinoza ou Kant. “Toda filosofia depende da História” — afirma *Nietzsche*.



O belo campanário Italiano de Sorrento

Menino ainda, de ginásio. Ouvi pela primeira vez, pela voz do professor de português, a sonora e harmoniosa exclamação: “Os sinos, já não há quem os toque!”, frase que fez vibrar em meu espírito jovem uma inédita centelha, estética e envolvente, prenúncio da sedução pela literatura que me acompanharia desde então.

Enquanto apontava na gramática o exemplo de pleonasma elegante e erudito, argumento histórico empregado no embelezamento da oração, estendia-se o velho mestre também em descrever as intrincadas correlações entre o fato histórico e a gramática, bem como a expressiva força literária da idéia.

Ora, entre o fato relatado pela História e o fato lingüístico, muita diferença há, quer de objetivo, quer

de exposição ou mesmo na maneira de aprender. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O primeiro passa-se. O segundo explica-se. Era assim que aquele experimentado educador ensinava *gramática e... indicava caminhos!*

O exemplo citado, dizia ele, podia ser encontrado na obra do insigne historiador português Alexandre Herculano, autor de *Lendas e narrativas*, que continham descrições épicas

e empolgantes dos remotos feitos heróicos portugueses. Encontrei o livro na biblioteca de meu pai e o li de um só fôlego.

Eis o argumento. Em 1130, em plena Idade Média, o Infante D. Afonso Henriques a duras penas procurava consolidar o novo reino que criara, após ásperas guerras contra os sarracenos. Na luta pelo controle político, indis põe-se com sua mãe viúva, agora aliada dos castelhanos. Como conseqüência, fora obrigado a encarcerá-la. Naqueles tempos longínquos e rudes não prevaleciam ainda os sentimentos de nacionalidade e, pior, defrontavam-se naquela luta dois grandes poderes antagônicos pela supremacia autoritária. Era o poder temporal de rei *versus* o imenso e bem arregimentado poder espiritual da Igreja Romana imbuída da idéia de prevalecer como potência política universal. Por essa razão, interfere o Pontífice, por meio de um cardeal, seu núncio, ordenando ao rei que, ao mesmo tempo, fosse libertada a Condessa mãe e que houvesse completa submissão do fogoso Príncipe Real ao paternalismo romano. Rebelase com violência o monarca. O núncio, amedrontado, foge de Coimbra, não sem antes mandar pregar nas portas da Catedral a mais temida das condenações — a terrível excomunhão! Na manhã seguinte, escreve o autor de *Eurico, o presbítero*: “O Príncipe foi um dos que despertaram mais cedo... Misericórdia, misericórdia, gritavam devotadamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal... Que vozes são estas que soam? pergunta a um pajem. — Senhor, o Cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu. As igrejas estão fechadas. *Os sinos, já não há quem os toque...* A maldição do Santo Padre caiu sobre nossas cabeças”.

O rei, de porte gigantesco, ensandecido pelo ódio, parte em perseguição ao prelado, que se distanciava da cidade com dois sobrinhos seminaristas. Munido de um montante, aquela pesadíssima espada, da qual Herculano afirmava que dois portugueses dos dias de hoje mal conseguiriam levantar do chão, em pouco tempo os havia alcançado. Ao perpassar pelo velho “trava-lhe do cabeção do vestido e de relance ergueu o montante...”, que já descia o golpe sobre a cabeça do delegado, se dois cavaleiros do Príncipe não amparassem a investida com suas próprias armas, salvando-o. Acalmado, D. Afonso exclama ao padre: “Viverás se desfizeres o mal que causastes. Que seja levantada a excomunhão lançada sobre Coimbra e juras-me em nome do Apostólico que nunca mais em meus dias será posta interdição nesta terra portuguesa, conquistada aos mouros por preço de tanto sangue. Se no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção,

as cabeças dos dois seminaristas reféns voarão de cima de seus ombros”.

Assim, em razão da intrepidez e intransigência do rei e pela obstinação papal, os sinos das igrejas permaneceram mudos, como que estratificando e estagnando a ordem, a lei e a religião em Portugal. Seguindo os apelos da fantasia, pôde Herculano condensar aqui com vigor maior todas as forças da ficção. Transcorrido o prazo estipulado, os sinos da cidade voltaram a repicar, para júbilo de todo o povo.

É o historiador das lendas e das tradições portuguesas quem o diz, ter o papa de início levado a mal o pacto feito pelo seu delegado. Mas que, por fim, abrandara com dó do pobre velho que lhe teria dito: “Se tu, santo padre, viras sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-me pelo cabeção e a espada nua para cortar a cabeça, e seu cavalo tão feroz, a arranhar a terra que já se fazia cova par te enterrar, não somente darias as letras, mas também o papado e a cadeira apostólica”.

Passaram os séculos. Longe estão os tempos heróicos. Agora, os tempos são modernos. Todavia, nuvens ameaçadoras começavam a pairar agourentas nos céus da Europa, naqueles anos 30 do século passado. Uma grande guerra já se avizinhava, mas restava tempo ainda para o Homem culto ouvir outra lição do sino, por meio da memória romântica e espiritual.

Lorde Baldwin, primeiro ministro britânico, em 1937 anotava em seu diário: “Lembro-me de quando estive há muitos anos no terraço de uma vila de Florença. Era uma noite de setembro e o vale ali abaixo estava transfigurado pelos grandes raios horizontais do sol que se ia pondo. Então ouvi um sino. Um sino cuja vibração encontrava eco profundo no meu coração. Disse então à minha hospedeira: ‘Este é o mais musical sino que já ouvi na vida’. ‘Sim’, ela respondeu. É um sino inglês. E assim era. Durante gerações seu badalar tinha cruzado os campos ingleses dando as horas de trabalho e de oração ao povo, do alto da torre de uma abadia inglesa. Depois, veio a Reforma, e alguns italianos inteligentes compraram o sino e o enviaram ao vale do Arno, onde quatro séculos depois comoveu o coração de um inglês errante, despertando nele a nostalgia da pátria”.

Momentos singulares, cheios de significação, produzem os sinos. O som do sino é sua alma, anotou Câmara Cascudo. Universalmente, o efeito mágico do som tem a finalidade de afastar os malefícios. O som afasta os demônios e os eflúvios maléficis. E de cujo silêncio aqueles aterrorizados lusitanos de antanho tanto temeram. Van Loon, notável escritor e publicista, escreveu pouco depois do político inglês: “Haverá uma pessoa que saiba ou se lembre de que originalmente os

sinos tangiam para afugentar os espíritos malignos, enquanto os fiéis se dirigiam aos recantos de culto?”.

O homem sempre sentiu necessidade do sonho, da ficção, da magia que busca encontrar, quer nos mistérios das emoções estéticas, quer nas viagens maravilhosas ou mesmo na História. E tudo isso ele consegue descrever, a partir de suas conversas, dos jornais, de um romance ou da sofisticação da arte poética, para, em seguida, voltar “como um Marco Polo narrando prodígios”.

Assim, José Saramago, viajando por Portugal, extasia-se diante da Sé Velha de Coimbra, expressando como turista deliciado: “Se (ele) o viajante tanto gosta do romântico arquetônico, como diz, tem na Sé Velha satisfação que baste, porque de geral consenso este é o mais belo monumento que daquele estilo existe em Portugal”.

Somos todos filósofos, os cultos e os ignorantes, pois meditamos e especulamos a respeito de nossas idéias, da vida, do homem e do universo. Desde que os filósofos gregos se propuseram a investigar o homem em profundidade, a partir de um novo conceito antropomórfico, tendo-o como fulcro do raciocínio, serviram-se para tal do gênero de expressão mais antigo, a poesia. Presente desde as mais remotas atividades literárias, “o verso em nebuloso estágio cultural, perdido nas sombras do tempo, fazia com que o pensamento estético começasse pela poesia”. De tal sorte, os velhos vates diziam seus versos e poemas dirigindo-se sempre aos ouvidos de alguém, não aos olhos. E, ainda, no século XVI, o poeta inglês Philip Sidney versejava: “diz-me a Musa, ausculta o teu próprio coração e escreve!”.

Em 1940, Ernest Hemingway escreveu um best-seller, que também alcançou grande êxito em sua versão para o cinema. Um filme pacifista, transcorrido no período devastador da Guerra Civil Espanhola, em que estrelavam como protagonistas Gary Cooper e Ingrid Bergman. Hemingway, com seu estilo moderno, seco e desafiador, procurou dar um título de impacto ao romance, apossando-se de um verso do poeta John Donne, escrito em 1623. O verso contém forte conotação religiosa, própria do espírito místico do autor, compenetrado deão da Catedral de São Paulo em Londres. O autor americano usou essa licença literária, que, sem ser plágio, às vezes tem sido empregada pelos escritores para ressaltar ou conferir maior impacto emocional à narração logo ao abrir da obra, chamando a atenção do leitor. O poema em que cita somente os dois versos finais era mais longo e vinha assim formulado:

*Nenhum homem por si só é uma ilha
Cada homem é uma parte do continente,
Como parte muito importante.
Se um torrão de terra é arremessado fora pelas águas do mar
A Europa torna-se menor
Tanto menor como se fosse um promontório,
Ou mesmo a mansão senhorial de teu amigo,
Ou mesmo como a tua própria residência modesta.
A morte de cada homem me diminui,
porque eu estou envolvido com a humanidade,
e portanto nunca procures saber por quem os sinos dobram,
eles dobram por ti.*

Na busca por um título, a fórmula poética prevaleceu, e o romance se chamou *Por quem os sinos dobram*.

Daí o fato curioso, e ao mesmo tempo paradoxal, que encerra estas considerações, de que a mística indagação proposta pelo prelado-poeta, feita há 300 anos, já havia sido intuída e cogitada por um jovem comediógrafo latino de 29 anos, em 159 a.C., chamado Terêncio. Na sua comédia *O atormentador de si próprio*, de estilo apurado e atilado, por meio de seu personagem responde à indagação de alguém, porque se interessava em defender um jovem perseguido por um pai mesquinho e vingativo. Replica com a frase, aparentemente tão simples que até mesmo marcou época, tornando-se citação imorredoura:

Homo sum — nihil a me alieno puto.

(Sou homem, não julgo alheio a mim nada do que é humano.)

Assim, quando o leitor ouvir o escruciante e lânguido indagar: “Por quem os sinos dobram?”, lembre-se... é sempre por você.

Ouçã e medite. Os sinos continuam a ensinar.

José Vicente Barbosa Corrêa
Ex-Professor de Medicina Legal da Faculdade
de Medicina da Universidade de São Paulo

Avozinha (*Großmütterchen*)

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

À Sylvia

Dias fratricidas — agressões internacionais e beligerâncias urbanas — evidenciam o *animus laedendi* do homem em sua exaltada intenção de ferir e chegam a insinuar a inexistência da criação divina.

Em contraposição, sem envolver um raciocínio dialético, crença religiosa ou pensamento metafísico, mas contemplando-se o maravilhoso mundo das expressões musicais, não há como deixar de sugerir que a vida tem um sentido, uma razão de ser. A música, por meio de seus elementos dinâmogênicos: melodia, ritmo e harmonia, eleva o espírito a um estado especial de bem-aventurança.

De fato, tem razão Aldous Huxley ao interpretar a emoção de quem ama o andante do quarteto em lá menor, *op.* 132 de Beethoven (“cântico sacro de agradecimento de um convalescente à divindade”), como “*música transparente, pura, cristalina, calma deslizando sobre calma... tudo claro e brilhante... prova irrefutável da existência da alma...*”.

Realmente, segundo Balzac, “*a música é uma vida dentro da vida*”. Essa ciência ou arte de combinar os sons afigura-se como linguagem universal, inclusive peças musicais menores, simples, despretensiosas, de autorias talvez fadadas ao olvido. É o caso de *Großmütterchen* de Langer, estro desta crônica, uma singela e delicada melodia descritiva, porventura lembrando a figura de uma avozinha dos tempos passados, em sua bondade, no seu dia-a-dia, em um suave perambular pela casa ou pelas estreitas ruelas de vilarejo alpino: inicia-se em lentos compassos, desenvolve o tema, esboça breves variações, retorna aos compassos iniciais e termina como um último e discreto suspiro. Foi assim que também findou Argentina Thomé da Costa Carvalho (Avozinha), única avó que conheci e com a qual convivi até meus 21 anos. Minha saudade revive os anos 30, época em que melhor pude desfrutar da felicidade de ser seu neto — aqueles bons tempos

(e difíceis tempos!) quando, tarde da noite, atentamente ela aguardava minha volta do trabalho tão-somente para preparar a pequena “ceia”.

Desafinado, ainda consigo assobiar a velha melodia de Zeller, “*Quando vovó tinha vinte anos*”, e tento lucubrar acerca da *belle époque* da juventude dos meus avós... Mas já faz tanto tempo...

Anos depois, como maravilhosa herança, minha mãe cuidava dos netos com o mesmo desvelo, e sua alma de poeta comemorava os 15 anos da neta versejando:

Quisera em tua vida

esta formosa idade eternizar:

para longe afastando os desenganos,

tudo aquilo que fere e faz chorar;

para perto trazendo alegria

filha do amor — do amor sinceridade —

benção de Deus, dos anjos sinfonia.

Todavia, a arte de ser avó não se condiciona a sucessões. É encantamento — transcendentaliza os povos de todo o mundo como um dom impessoal e intemporal de praticar o bem sem perceber.

Evoco a melodia de *Großmütterchen* — Avozinha.

Encantamento.

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
Professor de Medicina



Disponível em: <<http://picasaweb.google.com/mcdemoura>>.

Museu Paulista, localizado no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo-SP

Os Tempos e os Costumes

Célio Debes

É antigo o aforisma jurídico segundo o qual *o costume é o melhor intérprete das leis*. Tal entendimento, na síntese em que se contém, transcende o campo da interpretação dos textos de lei, da hermenêutica, tomada a lei em sentido estrito.

De fato, a força dos costumes tem alcance universal. Isso se deve ao fato de que *os costumes possuem a forma dos usos sociais e influem na conduta das pessoas. Dado que os costumes são de natureza social, estão sujeitos à apreciação da moral*. A moral, por sua vez, não é estática, visto que adapta-se às mudanças sociais, políticas e econômicas.

Assim, o que caracteriza os costumes e os hábitos dos povos, nos dias que correm, não se arrima, por exemplo, nos conceitos vigentes no século XIX.

Lembre-se, no panorama político do Império, de uma significativa mostra de comportamento público e pessoal.

Um dos chefes de gabinete (equivalente a primeiro Ministro) do regime monárquico, Sinimbu, ao dirigir-se a um dos presidentes de Província que nomeara, escrevia-lhe, destacando um dos propósitos do programa do governo que comandava.

O mais importante de todos era o desejo de moralizar a administração, elevando o elemento moral que parecia abtido pela luta dos partidos...

E advertia, a propósito, que
...não há conveniência política que eu anteponha aos princípios da Justiça. [...] Eu desejo que se saiba que o Governo é sincero quando diz que não tolera abusos.

A legitimidade dessas intenções (enunciadas nos anos de 1878), expressas em palavras lançadas em carta particular,

não tinha cunho eleiçoeiro, embora dirigida a um agente político.

O destinatário dessas palavras foi Francisco de Carvalho Soares Brandão, ao assumir a primeira das províncias que presidiu.

Ocorre que, quatro anos depois, foi investido no mesmo cargo em São Paulo.

Pautando-se pelos princípios fixados por Sinimbu, com os quais sempre comungara, exerceu aqui gestão meritória, mormente na administração das finanças públicas.

Ao assumir a investidura, encontrara o projeto de construção de um monumento à Independência, para o qual já se fizera a competente arrecadação de recursos, cujo montante estava à disposição do governo provincial. No entanto, de longa data, as obras não se iniciavam, por questiúnculas políticas. Assinale-se que as províncias eram governadas por elementos ligados aos partidos dominantes. A rotatividade propiciada pelo sistema parlamentarista predominante tornava precária a execução de projetos de longo prazo. As idiossincrasias e a intolerância entre conservadores e liberais, as duas facções predominantes, era tamanha que materializavam-se no terreno social e no religioso. Basta dizer que os opostos não se filiavam à mesma loja maçônica nem freqüentavam as mesmas igrejas. Daí, ao que parece, para configurar a separação entre eles, surgira o dito, na voz do povo, “*não vai à missa com fulano*”.

Em razão disso, a protelação da obra, por longo tempo, não surpreendia. Os interesses políticos cogitavam a distribuição, entre as cidades e vilas paulistas, do que fora ameaçado, sepultando-se a idéia do monumento evocativo.

Na conformidade do testemunho do presidente da comissão encarregada da execução do projeto, o futuro Barão de Ramalho — lente e diretor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco — foi Soares Brandão que, na direção da Província, agindo *com admirável tino administrativo*, *salvou esse dinheiro*, atitude que *impediu o desmoronamento total do monumento*.

A empresa efetivou-se, sendo inaugurada a 25 de março de 1885 — dia consagrado à Constituição do Império — três anos depois de ele haver-se exonerado da governança. O chamado monumento é o edifício que abriga o Museu Paulista, no Ipiranga.

Depois de presidir três províncias — além da de São Paulo, Alagoas e Rio Grande do Sul — assumiu o Ministério dos Estrangeiros, hoje das Relações Exteriores.

Ao cabo de sua passagem por essa pasta, tomou atitude surpreendente diante dos costumes em curso nos dias que correm.

Seu neto e homônimo, em carta a Washington Luís, relata o que se passara a respeito.

Quanto aos rendimentos dos cargos públicos que meu avô desempenhou, sei o seguinte: que pediu ao Imperador que não o nomeasse mais Ministro, pois, quando exerceu o cargo de Ministro dos Estrangeiros, tinha contraído dívidas e precisava pagá-las, e, além do mais, tinha 3 filhas para educar!

No que diz respeito à dívida em questão, decorrera esta da insuficiência remuneratória a que faziam jus os Ministros de Estado.

*Se não me engano — prossegue — naquela época um Ministro ganhava um conto de réis e só o *coupé* lhe custava 600 mil réis mensais...*

É pertinente ressaltar que no regime monárquico a assunção de cargos públicos de relevo constituía verdadeiro *mínus*. Para os despojados de fortuna, o exercício de função ministerial, por ter remuneração estreita, representava autêntico sacrifício, desde que desempenhado com correção. Inexistiam gratificações, ajuda de custo ou outros adinículos — nem mesmo veículos públicos à disposição. O deslocamento dos mais elevados servidores era feito por meio de transporte pessoal ou corria por sua conta, caso não dispusesse dele!

Comum era a utilização do transporte coletivo. Ainda nos primórdios da República, isso ocorria.

O Visconde Taunay conta, em suas *Memórias*, que se encontrou, certa feita, com Benjamin Constant, Ministro do Governo Provisório, governo discricionário, em um bonde, tendo este, na ocasião, externado sua decepção com o novo regime. Em vez de encontrar patriotismo, só constatara “*pratiotismo*”...

Soares Brandão, derruído o Império, não aderiu aos republicanos. Manteve-se fiel a suas convicções!

Com a saúde bastante abalada — é ainda o neto quem conta — abriu seu escritório de advogado para recomeçar sua vida. Faleceu aos 58 anos de idade, pobre e parecendo muito mais velho.

Assim, finavam-se, desprovidos de riquezas e aniquilados fisicamente, há pouco mais de um século, os políticos probos que exerceram, além da deputação provincial e geral (federal), a presidência de províncias e ocuparam Ministério!

Diante desse exemplo, vê-se o quanto o tempo pode degradar os costumes...

Célio Debes
Advogado e Escritor

Uma história que eu ouvi

José Carlos Barbuio

Ela tinha seis anos de idade quando eu a encontrei pela primeira vez na praia próxima de onde eu vivia. Eu ia para essa praia sempre que o mundo desabava em minha cabeça. Ela estava construindo um castelo de areia.

— Oi, ela disse.

Eu respondi com um aceno de cabeça.

— Você quer me ajudar a construir meu castelo?

— Hoje não, eu respondi, pouco atencioso.

— Eu gosto de sentir a areia em minhas mãos, ela disse sorridentemente.

Que boa idéia, eu pensei, e tirei meus sapatos. Um siri chegou próximo.

— Isto é uma “alegria”, a criança disse.

— É um o quê?

— Isto é minha “alegria”.

Adeus “alegria”, olá dor, eu murmurei comigo mesmo e continuei a caminhar. Eu estava deprimido; minha vida parecia completamente desequilibrada.

— Qual é o seu nome? Ela não desistia.

— Eu sou Roberto.

— O meu é Sara... Eu tenho seis anos.

— Oi, Sara.

Apesar de minha melancolia, fui obrigado a rir e continuei caminhando. Sua risadinha musical me seguiu.

— Venha novamente Sr. R.! — exclamou a menina.

Nós teremos outros dias felizes. Os dias e semanas se seguiram. O sol brilhava certa manhã. “Eu preciso de uma caminhada”, disse a mim mesmo, já pegando meu casaco. O bálsamo à beira-mar me aguardava. A brisa era fria, mas eu andava a passos largos, tentando readquirir a serenidade.

Eu tinha me esquecido da criança e fiquei surpreso quando ela apareceu.

— Oi, Sr. R. — ela disse. Você quer brincar?

— Não sei. Então, deixe-me continuar minha caminhada.

Olhando para ela, eu notei a delicada beleza de seu rosto.

— Onde você mora? Eu perguntei.

— Ali, ela respondeu, apontando em direção a uma fila de cabanas de verão.

Estranho, eu pensei. Em pleno inverno?

— Como você vai para a escola?

— Eu não vou à escola. A mamãe disse que nós estamos de férias.

Ela tagarelou bastante enquanto passeávamos pela praia, mas meu pensamento estava em outras coisas. Quando eu estava para voltar para casa, Sara disse que tinha sido outro dia feliz. Sentindo-me surpreendentemente melhor, eu sorri para ela e concordei.

Três semanas mais tarde, eu andava apressado pela praia quase em pânico. Eu estava de péssimo humor até para saudar Sara.

— Olhe, se você não se importa, eu disse nervoso quando Sara me alcançou, eu quero andar sozinho hoje. Ela me pareceu pálida e sem fôlego.

— Por quê? Ela perguntou.

Eu virei para ela e gritei:

— Porque minha mãe morreu!

— Oh! Ela disse. Então este é um dia ruim.

— Sim, eu disse, e ontem e anteontem. Eu estava irritado com ela e comigo mesmo.

Assim, andei a passos largos e a deixei para trás. Um mês depois disso, quando eu estava novamente na praia, ela não estava lá. Sentindo-me culpado e admitindo para mim mesmo que sentia falta dela, eu subi até a cabana depois de meu passeio e bati à porta. Uma mulher jovem apareceu.

— Oi, eu disse. Eu sou Roberto. Senti a falta de sua pequena menina hoje e gostaria de saber se ela está bem.

— Oh sim, Sr. Roberto, por favor, entre. Sara falou muito de você. Eu tinha receio de ela estar lhe aborrecendo. Se ela foi um incômodo, por favor, aceite minhas desculpas.

— Não, ela é uma criança maravilhosa! — eu disse, de repente, percebendo que queria realmente dizer isso. — Onde está ela?

— Sara morreu na semana passada, Sr. Roberto. Ela tinha leucemia. Talvez ela não tenha lhe contado...

Fiquei cego e mudo. Procurei por uma cadeira. Minha respiração ofegante.

— Ela adorava esta praia; sempre que ela pedia para vir, nós não podíamos dizer não. Ela parecia um tanto melhor aqui e teve muito do que ela chamava de dias felizes. Contudo, nos últimos dias, ela piorou rapidamente... Ela deixou algo para você... Você poderia esperar um momento enquanto eu procuro?

Eu acenei a cabeça estupidamente, minha mente corria atrás de algo, qualquer coisa, para dizer àquela jovem mulher.

Ela me deu um envelope, com Sr. R. escrito em grandes letras infantis. Dentro havia um desenho — uma praia amarela, um mar azul e um siri marrom. Debaixo estava escrito: “Um Siri Vai lhe Trazer Alegria”.

Lágrimas rolaram de meus olhos, e um coração, que quase esqueceu de amar, abriu-se largamente. Eu tomei a mãe de Sara em meus braços.

— Eu sinto muito, sinto muito, murmurei repetidas vezes, e nós lamentamos juntos. O pequeno e precioso desenho

está agora emoldurado e pendurado em meu escritório. Seis palavras — uma para cada ano de sua vida — que me falam de harmonia, coragem e amor. Um presente de uma criança com o azul do mar nos olhos e cabelos da cor da areia, que me ensinou o que é o amor.

José Carlos Barbuio
Advogado e Escritor

Analogias em Medicina (n. 21)

Cabelo à escovinha ou *à la Dunga* — Em 1925, Cooley e Lee descreveram uma forma de anemia grave associada a esplenomegalia e anormalidades ósseas, denominada por eles de talassemia (gr. *talassos*, mar), porque seus pacientes eram de origem mediterrânea. (Cooley TB, Lee P: A series of cases of splenomegaly in children with anemia and peculiar bone changes. *Trans Am Pediatr Soc* 37:29, 1925.) Sabe-se hoje que a talassemia é um grupo heterogêneo de distúrbios genéticos que levam à redução da síntese das globinas alfa e beta da HbA. Conseqüentemente, ocorre eritropoese ineficaz, hemólise e graus variáveis de anemia.

As alterações patológicas e radiográficas da beta-talassemia (major) são, em grande parte, devidas à hiperplasia e expansão da medula hematopoética, que provoca erosões ósseas e induz à neoformação de tecido ósseo. A radiografia do crânio, principalmente no plano lateral, mostra estriações radiais densas sobre a calota craniana, que se estendem além da tábua externa. Essas radiações representam trabéculas ósseas neoformadas, dispostas em ângulo reto e perpendiculares ao crânio, comparado ao aspecto de “cabelo cortado à escovinha” (ingl. *crew-hair*) ou de “cabelo eriçado ou em pé” (ingl. *hair-on-end appearance*). Aproveitando o momento esportivo nacional, é inevitável a comparação desse aspecto radiológico com a cabeleira do Sr. Dunga, técnico atual da seleção brasileira de futebol (fr. *cheveux à la Dunga*; ingl. *Dunga's hair appearance*).

O quadro radiológico de “cabelo à escovinha” é explicado pelas observações que indicam que o efeito da pressão dentro do espaço medular depende da forma do osso. De acordo com leis físicas, a força exercida por uma substância semi-líquida (medula óssea) contida entre 2 ossos curvos paralelos (como no crânio) é diretamente perpendicular à superfície envolvente. Assim, a tábua externa é submetida a uma força divergente para fora, resultando em trabéculas radialmente orientadas, adelgaçamento ósseo e perfuração. No entanto, a tábua interna é submetida a uma força convergente ou compactante e não se torna adelgada. Uma vez perfurada a tábua externa, a medula hematopoética prolifera no espaço subperióstico, estimulando a neoformação óssea na superfície craniana. O osso neoformado estará submetido às mesmas forças que aquelas atuantes no espaço medular, forças estas direcionadas em ângulos retos sobre a superfície óssea, resultando no arranjo perpendicular das espículas ósseas. Aspecto similar é visto na anemia falciforme ou drepanocitose.

Fonte: RESNICK, D. *Diagnosis of bones and joints disorders*. 3. ed. Philadelphia: W. B. Saunders, 1995. v. IV.

José de Souza Andrade Filho
Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra (*in memoriam*)
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.